

Suino cultura

INDUSTRIAL.COM.BR

Nº 02|2017 | Ano 39 | Edição 275 | R\$ 45,00



40 anos
1977 • 2017

Operação Carne Fraca dá novos rumos à inspeção sanitária brasileira

Casos pontuais não representam um mau funcionamento generalizado do sistema sanitário do País, mas levaram a medidas como a atualização do RIISPOA depois de 65 anos

ESTUDOS DA EMBRAPA

Uma análise sobre a conjuntura atual da suinocultura brasileira

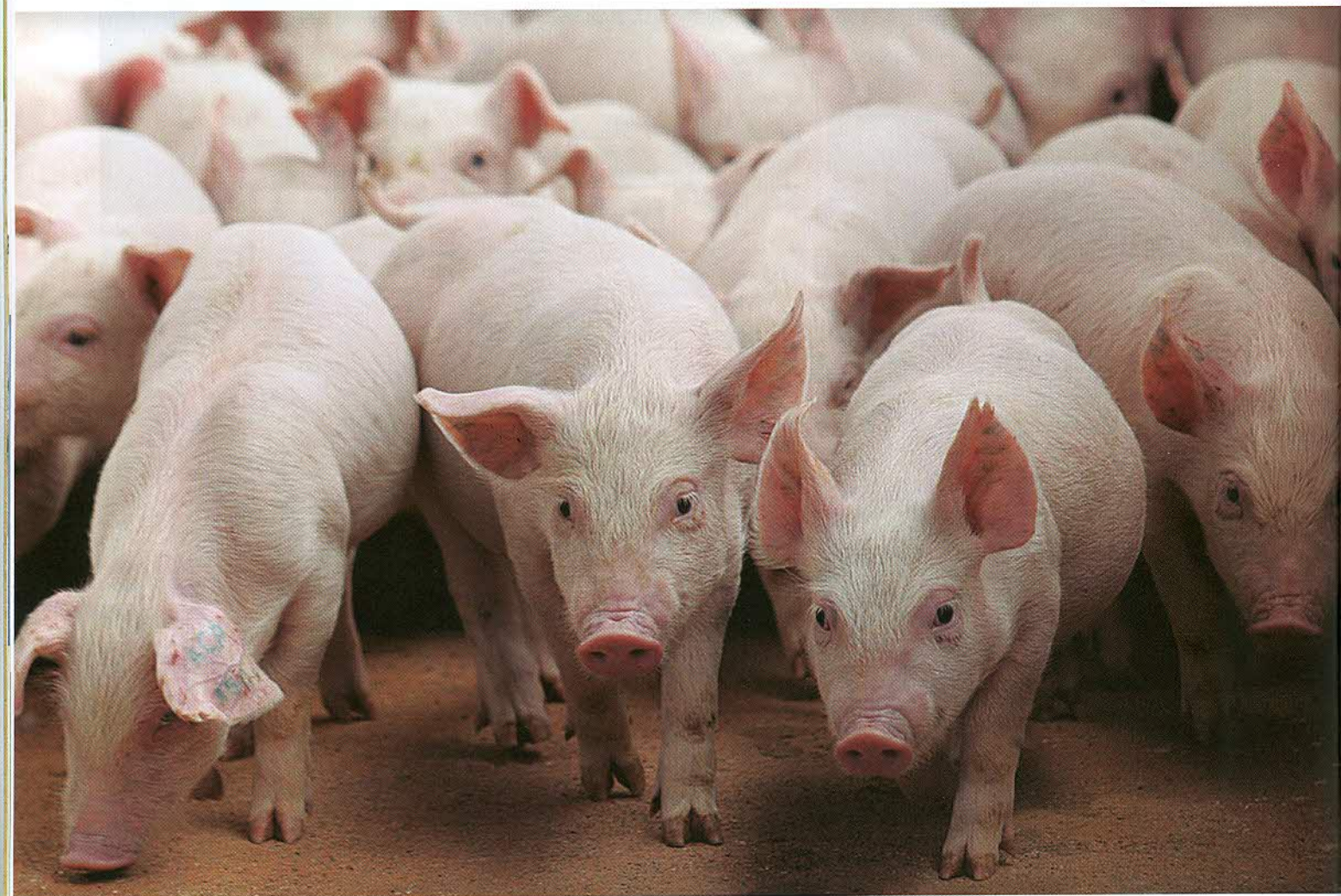
PROCESSAMENTO DE CARNE

Influência do manejo pré-abate na ocorrência de fraturas em colunas de suínos

CONJUNTURA ATUAL DO MERCADO BRASILEIRO DE SUÍNOS

O mercado ainda está digerindo, entendendo e se ajustando a esta carga de informações negativas sobre as carnes brasileiras. As notícias iniciais são de que após a decisão de fechamento imediato dos mercados importadores, as informações fornecidas pelo governo brasileiro foram aceitas e prevaleceu a racionalidade e o bom senso

Por Dirceu J. D. Talamini¹; Jonas I. dos Santos Filho¹; Gerson N. Scheuermann¹

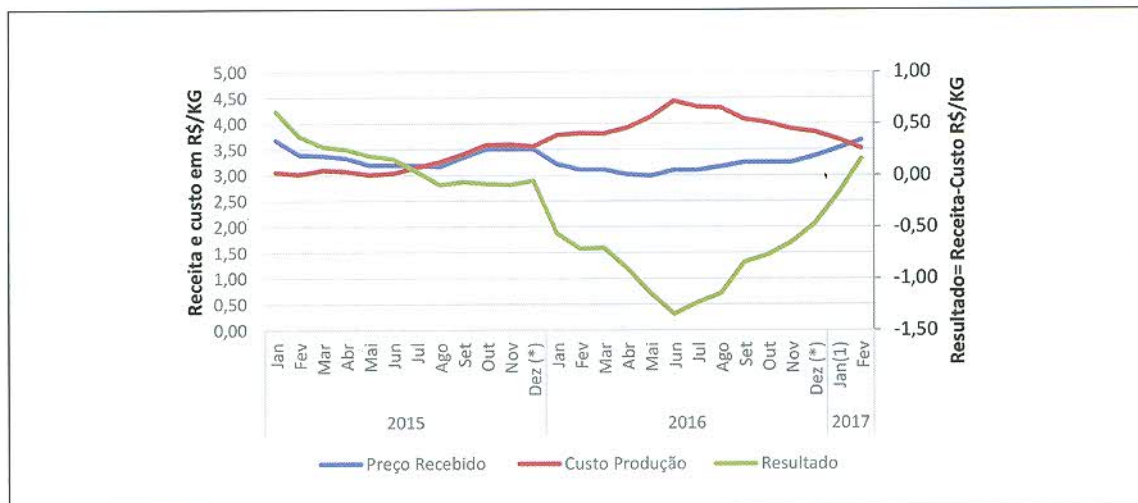


Após o ano de 2016 em que cadeia de suínos do Brasil sofreu com a quebra da safra de milho, escassez do produto, elevação do seu preço e consequentemente dos custos de produção, com forte impacto negativo nos balanços das empresas do setor, o ano de 2017 estava iniciando com boas perspectivas. Como diz o ditado, "tudo

que é bom dura pouco", este otimismo logo evaporou com a operação "Carne Fraca". Felizmente, devido a pronta reação do governo e das entidades representativas do setor e dos problemas levantados na operação terem sido pontuais, os prejuízos deverão ser menores do que a ampla divulgação ensejava.

É verdade que a crise da economia brasileira ainda está

Figura 01. Preço do suíno vivo ao produtor independente, custo de produção e resultado, em Santa Catarina, R\$/Kg



em curso, restringindo os preços dos produtos da suinocultura e o crescimento do consumo interno, mas a compensação estava vindo pelo lado do mercado internacional que esta demandante e favorável à carne suína brasileira. Contudo, a operação deflagrada pela Polícia Federal (PF), no dia 17 de março do corrente ano, que visava apurar irregularidades na qualidade dos produtos e a prática de crimes de corrupção de agentes de empresas e públicos, do Sistema de Inspeção Federal (SIF), teve impacto imediato, em especial nas exportações brasileiras de carnes. O esforço vigoroso e coordenado das entidades do governo e do setor privado procurou mostrar que praticamente a totalidade do Sistema de Inspeção Brasileiro age com correção e seriedade, com base em critérios técnicos, tendo sido auditado e reconhecido por vários países, o que garante produtos de qualidade para exportação e para o consumidor brasileiro.

O mercado ainda está digerindo, entendendo e se ajustando a esta carga de notícias negativas sobre as carnes brasileiras. As informações iniciais são de que após a decisão de fechamento imediato dos mercados importadores, as informações fornecidas pelo governo brasileiro foram aceitas e prevaleceu a racionalidade e o bom senso e o fluxo comercial aos poucos está sendo normalizado, com reduções moderadas das quantidades e dos preços dos produtos comercializados.

Dados recentes divulgados pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) comparando o valor médio diário das exportações de carnes das primeiras três semanas de março (US\$ 62,2 milhões) com o valor médio diário pós-operação "Carne Fraca", ou seja, da quarta semana de março (US\$ 50,5 milhões) mostram uma queda de 19% no valor total das exportações de carnes. O ano de 2017 estava aquecido no que se refere às exportações de carnes e mesmo com a operação da PF o valor médio diário de exportações do mês de março, que teve 18 dias úteis, foi de US\$ 59 milhões, 7,1% maior que a média diária de março de 2016 (US\$ 55 milhões). Os três tipos de carnes embarcados na quarta semana de março foram 60% de aves, 27% de bovinos, 10% de suíno e 3% de tripas e miúdos em geral. Quanto aos destinos,

Figura 02. Participação percentual dos principais países na produção mundial de carne suína de 2016 (USDA)

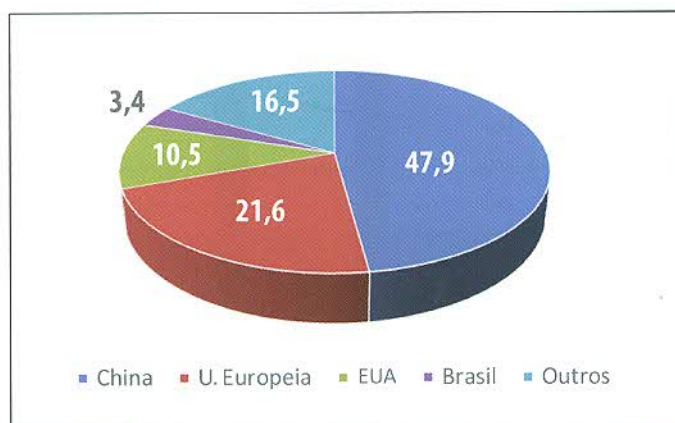
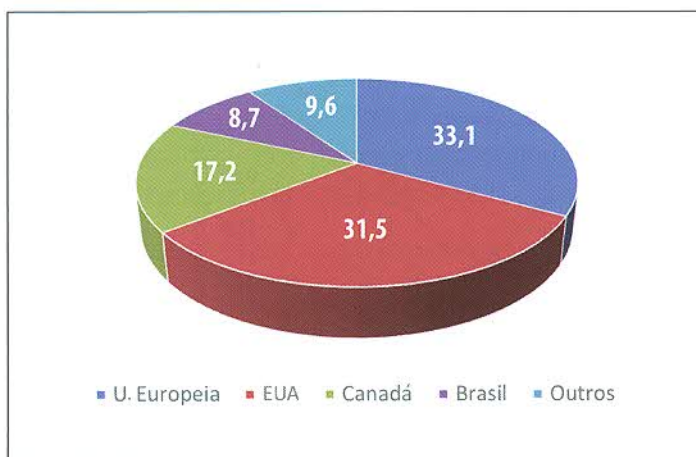


Figura 03. Participação percentual dos principais países exportadores de carne suína, 2015 (USDA)



observa-se elevada diversidade, com exportações para 108 países na semana, principalmente para Arábia Saudita (12% do total da semana), Rússia (10%), Hong Kong (9%), Japão (8%), China (8%), Emirados Árabes (6%), Países Baixos (5%), Egito (4%), Estados Unidos (3%), Irã (3%) e Alemanha (2%).

Além da redução dos volumes e dos valores exportados obviamente existem outros prejuízos ainda não quantificados como pagamento de taxas maiores para manutenção de *containers* em navios e em áreas de armazenamento, custos de análises microbiológicas, devolução de mercadorias, justificativas técnicas entre outros, não previstos nas negociações iniciais. É necessário deixar passar a

tempestade para verificar como o mercado vai se acomodar e aí ter uma noção mais precisa dos prejuízos totais para a cadeia produtiva de suínos e para o país.

O Estado de Santa Catarina é o maior produtor e exportador de carne suína do Brasil e a análise da sua cadeia produtiva reflete também a situação da atividade nos outros Estados produtores. Como foi falado anteriormente, o ano de 2016 foi muito difícil para a produção animal intensiva. A Figura 01 mostra a diferença entre o custo de produção calculado pela Embrapa e os preços médios mensais recebidos pelos produtores independentes, divulgados pela Epagri, e o resultado econômico da produção,

ou seja, a diferença entre preço e custos. Optou-se pelo preço do suíno recebido pelo produtor independente por ele representar melhor o mercado já que na integração o sistema de remuneração do produtor é baseado em outras variáveis. Neste segmento da produção primária, ou seja, do suíno vivo, o ano de 2016 foi de prejuízo aos produtores, causado principalmente pela escassez e alto preço do milho sem o correspondente aumento no preço do suíno. Os primeiros meses de 2017 apresentavam uma queda nos custos de produção, uma demanda firme da carne suína no mercado interno, o crescimento das suas exportações e possibilidade da volta dos resultados econômicos positivos da atividade. Além disso, a excelente

Figura 04. Quantidade (1000 t) e valor em reais (R\$/t) e em dólares (US\$/t) da carne suína *in natura* exportada em 2016 (1=Janeiro, 2=Fevereiro e 3=Dezembro) e em 2017 (4=Janeiro e 5=Fevereiro)

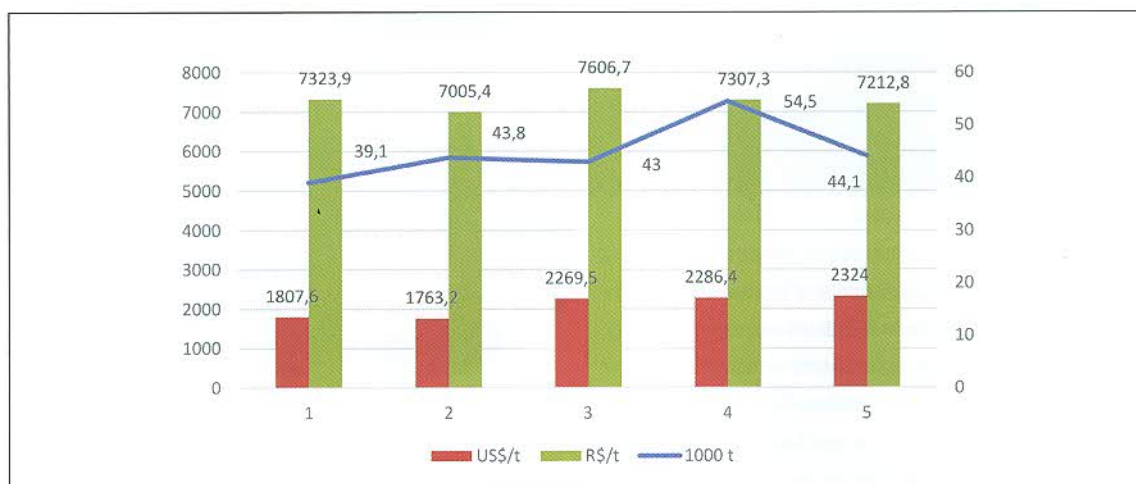
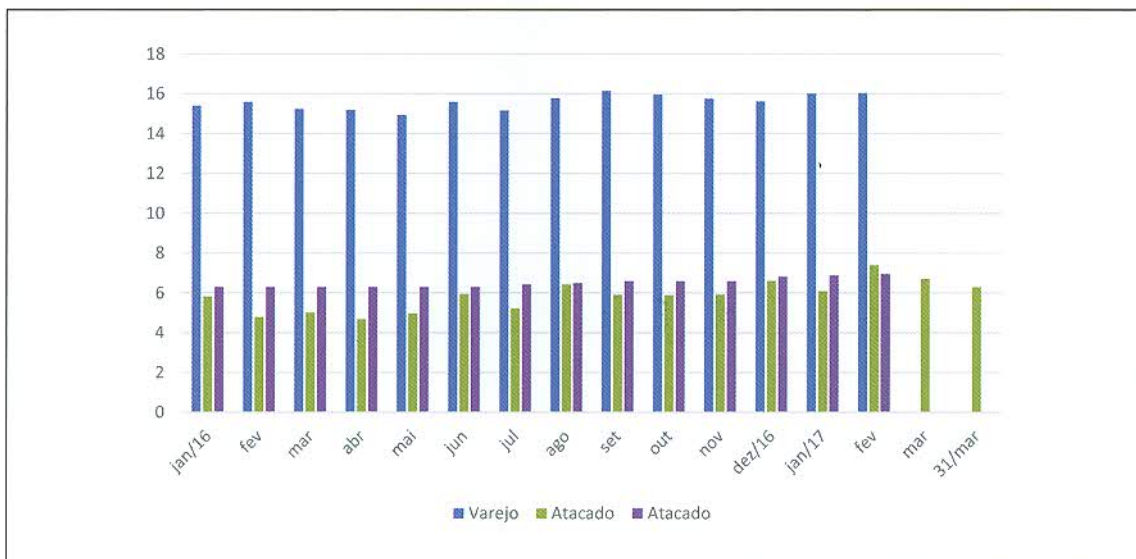


Figura 05. Preço da carne suína (R\$/kg) no varejo de São Paulo e atacado de São Paulo e Santa Catarina, 2016 e 2017



safra do milho e da soja e a perspectiva da redução dos seus preços, são condições importantes para reduzir o custo de produção, condição básica para sustentar bons resultados econômicos na produção do suíno vivo e dos seus produtos.

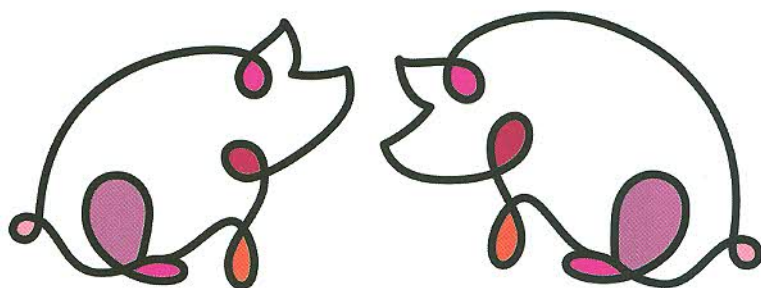
No que se refere à posição da produção brasileira de

carne suína no cenário dos principais países produtores e exportadores, observa-se na Figura 02 que, apesar de o Brasil ser o quarto maior produtor mundial, o país detém uma "share" de apenas 3,4%, da produção de carne suína do mundo, onde a China, União Europeia e Estados Unidos respondem por 80% do volume total produzido.

PORCINAT+™

Ácidos Orgânicos + Óleos Essenciais

Diferença por Inovação



PORCINAT+™ é um blend inovador de ácidos orgânicos e óleos essenciais desenvolvido especialmente para a suinocultura.

Safeeds, distribuidor Jefo para todo o Brasil



45 3309 5000
www.safeeds.com.br



No que se refere às exportações, a participação dos países é mais equilibrada. Observando os dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) de 2015, a União Europeia e os Estados Unidos aparecem como maiores exportadores, com uma participação de mercado pouco maior que 30% cada um, seguidos pelo Canadá com 17,2% e em quarta posição pelo Brasil, com uma participação de 8,7% do volume exportado, como pode ser visto na Figura 03. O ano de 2015 foi escolhido por publicar dados consolidados e mais precisos que as estimativas para 2016 e 2017, que foram de 900 e 940 mil toneladas, respectivamente, estimativas claramente superestimadas para a exportação da carne suína brasileira. O ano de 2017 estava iniciando muito bem para as exportações brasileiras de carnes. As exportações de carne suína *in natura* do mês de janeiro de 2017 superaram as exportações do mês de janeiro de 2016 em 60% quanto ao valor, em 26,7% nos volumes e em 26,5% no preço da tonelada da carne. Em comparação com dezembro de 2016 os números de janeiro de 2017 também foram superiores. O mês de fevereiro de 2017 foi muito semelhante ao de janeiro, portanto, um bom mês para as exportações. A Figura 04 mostra uma grande elevação dos preços da carne suína, em dólares, entre fevereiro de 2016, quando preço estava em US\$ 1.763 e fevereiro de 2017, quando subiu para US\$ 2.324. Porém, quando os dólares são convertidos em reais os preços mostram certa estabilização ao redor dos R\$ 7.000 por tonelada. Ocorre que em fevereiro de 2016 a taxa de câmbio estava em R\$ 4,0 por dólar e em fevereiro deste ano em R\$ 3,1 indicando que o sistema econômico é dinâmico e rapidamente se ajusta reduzindo as possibilidades de grandes lucros devido a taxa de câmbio.

O mercado internacional das carnes mostrava-se favorável até a terceira semana de março, quando a operação da Polícia Federal foi divulgada. O primeiro impacto medido foi a queda de 20% do valor exportado de carnes. O número para a carne suína ainda não está disponível e ainda é cedo para se ter projeções precisas da reação do mercado interno e do exportador, para o médio e longo prazos. A expectativa é de que com o esforço coordenado e concentrado liderado pelo Ministério da Agricultura esses mercados retornem à normalidade.


A redução da produção chinesa e o aumento das suas importações para atender a demanda interna estão sendo a novidade no cenário internacional da suinocultura. A China, além de possuir o status de maior produtor e consumidor mundial de carne suína passou a ser também o maior importador, respondendo por perto de 30% das importações mundiais. Japão, México e Coreia completam o grupo dos países maiores importadores.

A reação do mercado interno brasileiro foi analisada a partir do comportamento dos preços da carne no varejo e no atacado de São Paulo, publicados pelo Instituto de Economia Agrícola e dos preços da carne no atacado em Santa Catarina, disponibilizados pela Epagri, apresentados na Figura 05. Os dados indicam uma situação de normalidade em São Paulo, com exceção dos preços da carcaça suína, que apresentou redução de preço do dia 31 de março em 2017 quando comparado ao preço médio do mês de fevereiro.

Concluindo este olhar sobre o momento atual da suinocultura brasileira podemos dizer que o ano de 2016 foi registrado como um dos mais difíceis da sua trajetória. O elevado custo de produção aliado ao mercado interno en-

colhido por causa da crise econômica e do desemprego, não foi capaz de absorver os custos. Houve dificuldades e prejuízos também nas empresas. Já o ano de 2017 trouxe alívio com o aumento das exportações, momentaneamente interrompido devido a operação "Carne Fraca", que trouxe pânico ao setor. A economia como um todo e também a cadeia produtiva de suínos, sofre com acontecimentos negativos, internos e externos, muitas vezes não previstos. Estar preparado, ter reações rápidas para superar as dificuldades, é fundamental para o desempenho da produção, do consumo interno e das exportações. As crises, mesmo causando prejuízos consideráveis, são passageiras e servem para aprimorar as atividades econômicas, preparando-as para obter bons resultados em períodos de normalidade, o que deverá ocorrer com a cadeia produtiva da suinocultura. Além da superação deste episódio pontual, a cadeia produtiva deve continuar os esforços para superar os entraves históricos do país, representados pela burocracia excessiva, infraestrutura e logística deficientes, legislação trabalhista engessada, tributação elevada e complexa. São temas recorrentes no debate econômico nacional, os quais, se não equacionados, vão limitar cada vez mais o desenvolvimento do setor. A cadeia produtiva da suinocultura tem feito seu dever de

casa para se colocar entre as melhores do mundo. O último acontecimento mobilizou a capacidade "público privada" para resolver problemas relacionados à desinformação ou informação deturpada. Foi eficaz. O Governo Federal, as instituições científicas, as associações de produtores se uniram e foram capazes de contrapor a desinformação. A inteligência estratégica, em especial do Mapa, foi testada e mostrou competência. A Embrapa também tem contribuído com conhecimentos e tecnologias para as cadeias produtivas da carne ao longo dos anos. Nesta crise, com o objetivo de oferecer informações claras e confiáveis a sociedade brasileira, está disponibilizando informações sobre a qualidade da carne do campo à mesa (www.embrapa.br/qualidade-da-carne).

Com ações corretas e coordenadas o Brasil deve manter os mercados conquistados, e, aproveitando o momento atual de forte demanda por carnes, talvez ampliá-los. Apesar do duro golpe recente, o objetivo maior deve ser mantido, o de agregar valor as suas carnes, conquistando lugar no privilegiado segmento de produtos "premium", de qualidade superior e preços diferenciados. A nossa qualidade é sim o nosso maior trunfo. 

¹Pesquisadores da Embrapa Suínos e Aves



XVII SNDS

SEMINÁRIO NACIONAL
DE DESENVOLVIMENTO
DA SUINOCULTURA

**TRANSFORMAÇÃO: NOVOS RUMOS
PARA A CADEIA DE SUÍNOS BRASILEIRA**



28-30
JUNHO 2017

 TAUÁ RESORT ATIBAIA
SÃO PAULO - BRASIL

NÃO PERCA TEMPO!
GARANTA JÁ A SUA VAGA NO MAIOR
EVENTO DA SUINOCULTURA BRASILEIRA

ACESSE O SITE: WWW.SNDS.COM.BR